



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



DIÁLOGO E TRABALHO COLETIVO NA ESCOLA: Compreender para dialogar

Elisabete Cardieri, Campus Botucatu, Instituto de Biociências, ecardieri@ibb.unesp.br e Ana Carolina da Silva Barreto, Campus Botucatu, Instituto de Biociências, Licenciatura em Ciências Biológicas, a.carolinabarreto@gmail.com, bolsista PROEX.

Eixo 1: "Direitos, responsabilidades e expressões para o exercício da Cidadania"

Resumo

O trabalho discute dados colhidos em atividades do nosso Projeto de Extensão que tem como objetivo promover momentos de diálogo e reflexão sobre convivência e a respeito a cada um. Os alunos enfatizaram o acolhimento e o carinho como vivências agradáveis, e a tristeza causada por situações relacionadas com brigas e desprezo que ocorrem no cotidiano.

Palavras Chave: diálogo, acolhimento, convivência.

Abstract:

The paper discusses data collected from activities of our Extension Project which aims to promote moments of dialogue and reflection on coexistence and respect to each other. Students have emphasized welcome and affection as pleasant experiences, as well as the sadness caused by situations related to fights and contempt that occur in everyday life.

Keywords: dialogue, welcome, coexistence.

Introdução

Quando acompanhamos situações vivenciadas no cotidiano escolar, um olhar mais atento nos revela inúmeros aspectos sobre a complexidade da vida humana: relações, gestos, palavras, atuações sustentados por pessoas, cada uma com suas percepções e seus desejos, sonhos, decepções, expectativas. O ritmo ao qual estamos submetidos impõe-nos tempos, espaços, obrigações, modos de ser e conviver, e não indagamos sobre o que é essencial na vida, nas relações, na escola, no processo de ensinar e aprender, no processo de aprender a ser. Muitas vezes nos esquecemos de dimensões essencialmente humanas, que se fazem presentes, mas são minimizadas ou não valorizadas: o afeto, o reconhecimento, a diferença que nos caracteriza, a história de cada um... aspectos essenciais que se misturam aos conteúdos de matemática e português, às tarefas e avaliações, ao sinal, aos encontros e desencontros na escola.

Neste trabalho, trazemos algumas reflexões suscitadas a partir da inserção em uma escola pública, através de ações de um Projeto de Extensão, que tem como objetivo desenvolver reflexões e dinâmicas dessas temáticas no cotidiano escolar. Desde 2012, desenvolvemos o Projeto em parceria com a Escola Estadual Prof. Francisco Guedelha, localizada no município de Botucatu e, neste ano de 2015, propusemos uma ação, em parceria com o grupo de bolsistas PIBID, coletando informações sobre as vivências mais significativas dos alunos. Considerando as atividades já

desenvolvidas em anos anteriores, sugerimos a inclusão de duas perguntas num questionário que foi respondido por cada estudante: *"A frase que eu mais gosto de ouvir é..."* e *"Eu fico triste quando..."*. Buscamos nesse texto refletir sobre as respostas apresentadas a essas questões, e compreender a importância de um olhar diferenciado às dimensões do afeto, da sensibilidade e o reconhecimento de experiências fundantes que sustentam a vivência dos adolescentes, jovens e de cada um nós... e que nem sempre são valorizadas no contexto escolar. Parece que nos esquecemos que somos gente que convive para sobreviver.

A afirmação de que o "processo educativo se realiza a partir de relações interpessoais" é óbvia, mas parece ser cada vez mais necessário lembrar. Ser de relações... essa é uma das dimensões mais essenciais da nossa vida. A existência humana se realiza a partir do encontro com os outros, através da convivência, dos afetos, da linguagem, dos gestos e atos que constituem um universo simbólico que nos faz ir além da "mera" condição natural.

Em qualquer situação cotidiana, podemos constatar a riqueza que se manifesta nas expressões e artefatos da cultura (e das diversas culturas!): modos de ser e conviver, costumes, alimentação, manifestações artísticas e também as tecnologias em sua diversidade e sofisticação, entre outros fatos e fatores. Em cada um desses aspectos, podemos encontrar as marcas de "algo" que foi ensinado e aprendido: as palavras que utilizamos, os sentidos atribuídos, o manuseio de objetos e instrumentos, as histórias que ouvimos, a



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



comida que aprendemos a saborear e a preparar... e também as letras, os cálculos, os mapas, os símbolos que expressam elementos naturais e culturais... É... esse universo simbólico inventado por homens e mulheres revela a necessidade dos processos educativos, das vivências sociais, da partilha e da aprendizagem dos saberes constituídos e constituintes. Como nos recorda Freire (2003, p. 27): *"Ensinar inexistiu sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender."*

Aprendemos e ensinamos de inúmeras formas, através dos múltiplos canais de nosso organismo sofisticado que capta o que nos envolve, a partir das diversas situações vivenciadas em família, na comunidade, nas instituições e, entre elas, a escola. Tudo o que somos, com nossa história, nossas percepções e concepções, nossas emoções e afetos, se presentifica no encontro com o outro/outros com quem convivemos e vamos decifrando e compreendendo o mundo. E nessa trama, cada um de nós se constitui como *eu* diante de um *outro*, partilhando aspectos comuns, reconhecendo similaridades e diversidades, e também diferenças sutis que revelam marcas de um trajeto próprio, com contornos delicados tecidos singularmente através de uma existência que é única e irrepetível, e marca cada um em sua diferença e identidade. Ao mesmo tempo, é inegável constatar que essa identidade só se configura a partir das relações face-a-face, desde as mais primárias até as compartilhadas nos diversos grupos e comunidades por onde circulamos. Nelas aprendemos sobre os afetos, sobre as emoções, podemos reconhecer as nossas escolhas, o que gostamos e não gostamos, vamos identificando situações e vivências que valorizamos, outras com as quais não nos alegamos... e vamos tecendo o que somos, num processo autopoietico, como nomeiam Maturana e Varela (2010), de ser e conhecer.

Quando olhamos para os processos educativos formais (em especial, a escola), é certo que lá também vivenciamos as mesmas experiências relacionais de encontros com os outros: educadores e educandos; educandos entre si; educadores entre si; equipe gestora e docentes,

equipe gestora e educandos, equipe gestora e docentes com os pais e a comunidade, ou seja, relações entre adultos e crianças, adolescentes e jovens, encontros e desencontros revelando potencialidades e limites inerentes à convivência humana, mas também constituem-se palco "ao vivo e a cores" de tramas e dramas que cada sujeito leva para cada encontro.

Mesmo sendo inegável esse caráter fundante das relações interpessoais que sustentam o cotidiano escolar, a organização da instituição "escola" (com seus atores e dirigentes) também revela escolhas, processos, opções para priorizar sua tarefa formativa. E o que constatamos desde a sua criação, é a ênfase a **uma** dimensão do processo de formação, minimizando outras também essenciais para contribuir com a inserção cada vez mais significativa dos educandos no dinamismo do universo cultural. É a prevalência da racionalidade fazendo esvaecer, como supérfluas, outras dimensões humanas: afetiva, emocional, artística, espiritual, lúdica etc.

A Modernidade estabeleceu a racionalidade (pensar claro e distinto) e experimentação (observação e controle) como princípios para um conhecimento seguro e universal, e até hoje eles se mantêm absolutos, apesar das crises, dos limites e reviravoltas suscitadas no interior da própria produção científica. A escola se configurou nesse contexto, 'resistiu' às crises e reviravoltas que a ciência enfrentou, e ainda hoje se mantém fiel valorizando sobremaneira a perspectiva do conhecimento formal, da racionalidade, do cálculo. Certamente, o acesso sério e consistente ao saber científico e culturalmente constituído é fundamental para todos os educandos, no entanto, os processos escolares permanecem atrelados a procedimentos que pouco favorecem a curiosidade, a participação ativa, a alegria, o envolvimento significativo nos processos de aprender e ensinar, que se realizam nos encontros entre educandos e educadores, encontros entre sujeitos.

Nesse contexto, podemos constatar que nas práticas educativas nem sempre importa saber o nome dos estudantes ("é mais fácil é chamar pelo número"); saber do que elas gostam ("não é preciso perder tempo com isso"); como vivem ("a escola não pode fazer nada, a não ser ensinar"); o que fazem ("não importa o que façam, é preciso que 'aprendam' a fazer o que é importante: estudar, decorar, repetir, respeitar..."), que perguntas trazem ("elas aprenderão a dar respostas", aliás, respostas certas para perguntas que nunca fizeram). É claro que nessa reflexão há inúmeros pontos que



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



mereceriam uma longa conversa... há pressupostos, há preconceitos, há conceitos que necessitam ser explicitados, apresentados, discutidos, mas parece que a escola também não tem tempo para isso... Estão todos aflitos com os programas a serem cumpridos... e nessa correria... muitas riquezas da vida passam despercebidas, ignoradas, invisíveis. O que perdemos com isso? O que se perde no processo de formação? Buscar caminhos e alternativas que incluam e enfatizem outras dimensões pode contribuir para o reconhecimento da importância dos gestos de afeto, atenção, acolhimento que revelem as transformações que um olhar diferente ao outro e a si, às coisas e fenômenos.

A partir de propostas de um Projeto de extensão, desenvolvido na Escola Estadual "Prof. Francisco Guedelha", desde 2012, buscamos desenvolver reflexões e ações que favoreçam a inclusão de temas e atividades que valorizem o diálogo e a percepção de si e dos outros, de modo a suscitar vivências de reconhecimento do outro, do acolhimento e respeito à diferença.

Objetivos

Neste trabalho apresentamos alguns dados coletados numa atividade realizada no início do ano letivo (2015), que utilizou uma enquête respondida pelos alunos do Ensino Fundamental e Médio, com a proposta de conhecer melhor o perfil dos estudantes, em especial, sobre aspectos afetivos que remetem às suas vivências cotidianas de alegria e tristeza.

Material e Métodos

A Escola Estadual "Prof. Francisco Guedelha", está localizada num bairro periférico do município de Botucatu, atende crianças e jovens oriundos de oito bairros constituídos por famílias de baixa renda que enfrentam inúmeras dificuldades em razão das precárias condições socioeconômicas e de infraestrutura. Neste ano de 2015, a Escola tem uma média de 340 alunos matriculados nos anos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, que estudam nos períodos da tarde e noite.

O Projeto que desenvolvemos tem como objetivo oportunizar momentos de partilha que favoreçam a reflexão sobre vivências humanas, em especial, o diálogo, e a percepção da dimensão de singularidade que caracteriza cada um de nós. Dentre as atividades propostas, algumas são individuais, outras em duplas ou grupos, sempre

buscando promover um espaço/tempo de acolhimento a si mesmo e ao outro.

No início deste ano letivo, em parceria com os bolsistas do PIBID que atuam nesta escola, optamos por desenvolver uma dinâmica que possibilitasse a apresentação mútua entre bolsistas e alunos. Incluímos nessa dinâmica a proposta de um questionário composto por 18 questões (objetivas e abertas) para coletar informações e conhecer melhor as vivências cotidianas daqueles adolescentes e jovens. Responderam ao questionário 195 alunos, com idade entre 11 a 17 anos, matriculados no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e que estudam no período da tarde.

Para esse trabalho, destacamos dados e reflexões sobre duas perguntas propostas na enquête que indagavam sobre sentimentos e experiências afetivas: "*A frase que eu mais gosto de ouvir é...*" e "*Eu fico triste quando...*". As outras questões solicitavam informações sobre: a comida que prefere, o filme e o livro preferidos, estilo de música que mais gosta, o que faz no tempo livre, o programa de tv que prefere assistir, e também sobre o acesso à internet. Uma questão que merece uma atenção particular trouxe dados interessantes sobre a configuração de convívio familiar que caracteriza aquela comunidade escolar e indagou: *quantas pessoas moram na sua casa?* As respostas indicaram que 61% das famílias são compostas por cinco ou mais pessoas, sendo que 35% tem mais do que cinco moradores na mesma casa e 26% cinco pessoas. Esse dado foi bastante discutido em nosso grupo, pois parece indicar um estilo de convivência diverso do que prevalece em nossa sociedade, ou seja, a constituição de famílias menores. Durante várias atividades realizadas, muitas vezes ouvimos relatos muito interessantes de alunos que tem vários irmãos falando sobre: o cuidado, a colaboração, a ajuda nas tarefas domésticas, sempre comentadas como algo que faz parte da vida em família.

Resultados e Discussão

Antes de apresentarmos os dados, é interessante contextualizar por que tais questões foram propostas. Nas atividades que desenvolvemos em anos anteriores, sempre iniciamos com várias conversas com a equipe gestora e com os professores, participamos de reuniões na escola em busca de temas e questões que seriam desenvolvidas com os alunos considerando as especificidades de cada turma e ano escolar. Em 2015, com a proposta de realizar a



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



enquete, sugerimos as duas perguntas, pois se inserem no âmbito de temas relativos ao reconhecimento de aspectos mais sutis (e intensos) da vida humana e que, no entanto, a escola não considera relevantes. Olhar com atenção, estar atento aos gestos de alguém identificando vivências de alegria e/ou de tristeza, observar os efeitos que as vivências cotidianas suscitam (alegria, tristeza, frustração, angústia), cada uma dessas ações pode contribuir para a percepção e o reconhecimento do outro em sua singularidade, para suscitar um espaço de acolhimento do outro e de si mesmo como legítimos. Maturana, biólogo chileno, destaca a dimensão fundante das vivências de aceitação e reconhecimento, articulando-as ao amor: "O central da convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro." (Maturana, s/d)

Os dados que coletamos ressaltam esse desejo pelo reconhecimento, pelo afeto, pelo acolhimento... e nos fazem pensar sobre nossas relações na escola, com os alunos, com 'alguns' alunos, com 'alguns' colegas...

Vamos então aos dados coletados como respostas. Como as duas perguntas foram abertas, transcrevemos todas as respostas e organizamos por afinidade para, posteriormente, categorizá-las. Com esse procedimento, conseguimos apresentar os dados a partir de tabelas e gráficos com os dados gerais e também por classe, que foram discutidos com os bolsistas, com a equipe gestora e os professores da escola. Neste trabalho, apresentaremos os dados gerais. Para a pergunta: *Qual é a frase que você mais gosta de ouvir?* a resposta *Eu te amo* foi a mais frequente. Logo a seguir destacamos frases que expressam reconhecimento e afeto: *"Como você está linda/o", "Você é importante para mim"*, seguidas por frases de efeito: *Nunca desista de seus sonhos* e de passagens bíblicas. Organizamos os dados a partir das seguintes categorias com o percentual de respostas correspondente:

Eu te amo/reconhecimento	37%
Frases efeito/religiosas	27%
Palavras gentis	10%
Momentos especiais	4%
Não sabe/incompreensível	8%
Não respondeu	14%

Para ilustrar, indicamos algumas frases mais citadas: *"Eu te amo"*, *"Como você está bonito"*, *"Você está indo bem na escola"*, *"Não desista de seus sonhos"*, *"Há também dias escuros"*, *"O Senhor é meu Pastor"*.

A leitura desses dados contribuiu para refletirmos sobre a dimensão relacional que implica reconhecermos a importância do acolhimento e do reconhecimento do outro, e mais ainda quando esse encontro suscita expressões de afeto e podem ser expressas em palavras. Como isso faz bem a todos nós! No entanto, na escola, nem sempre são manifestados. Um olhar que manifesta bem querer, respeito, compreensão, transforma o olhar do outro, o acolhe e favorece também uma percepção de bem querer, de autoestima. Num tempo de tantas transformações, questionamentos e crises, como é a adolescência, entendemos que os dados coletados nos ajudam a refletir sobre ações cotidianas que poderemos assumir e que favoreçam a expressão do afeto.

Quando observamos os dados relativos a questão *"Eu fico triste quando..."* é possível reconhecer que as respostas confirmam o valor das relações positivas, acolhedoras e de amizade. Segundo os alunos, eles ficam tristes quando ocorrem brigas e impasses, quando são xingados e quando ocorre briga em família. Abaixo, segue a tabela com os dados percentuais:

Brigas e desprezo	27%
Tensão na relação com os pais	19,5%
Palavras machucam: xingar	19%
Tem uma frustração	11,5%
Vê ou sente tristeza	8%
Vai pra escola	3%
Não respondeu	12%

Na apreciação desses dados, muitas outras articulações podem ser realizadas e encontraremos ênfases diferentes: se somarmos as situações de "brigas" com as "palavras que machucam" destaca-se ainda mais a importância de relações mais acolhedoras e respeitosas, menos hostis e agressivas.

Esses dados e os conteúdos expressos em cada turma foram apresentados à equipe gestora e serão o foco das ações do projeto de extensão neste segundo semestre, através de dinâmicas ou de rodas de conversa que favoreçam a reflexão sobre o que eles mesmos expressaram. Também entre os docentes, juntamente com a equipe



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



gestora, as reflexões serão aprofundadas e discutidas em busca de práticas que contribuam para promover vivências diferenciadas.

Os resultados enfatizam as expressões de acolhimento, carinho e aceitação, e, por outro lado, destacam o incômodo das situações relacionadas com brigas, xingamentos e desprezo vivenciadas no cotidiano. É interessante... e também muito óbvio... talvez por isso não levamos muito em conta... Todos sabemos da alegria de estarmos numa convivência respeitosa, acolhedora, em que as diferenças são reconhecidas e não são motivos para gestos de indiferença e desprezo. No entanto... nem sempre nos esforçamos para vivenciar efetivamente essa experiência em nossas relações. É certo que podemos apontar inúmeros fatores para essa resistência: psicológicos, culturais, inconscientes, geracionais... mas também podemos nos dispor e propor ações e gestos que nos convidem a um olhar distinto diante de cada pessoa e das relações que constituímos.

Os dados também foram objeto de discussão entre os bolsistas (PIBID e do Projeto de Extensão) e suscitaram várias reflexões que contribuíram para ampliar o olhar sobre a comunidade escolar. Nessas reflexões compartilhadas, pudemos destacar a importância dessa ação inicial como a abertura para um olhar diferenciado que, ao mesmo tempo, possibilitou a expressão de cada aluno (dimensão individual) e a organização dos dados para compreender uma turma (dimensão coletiva) ou grupo de alunos. Nesse sentido, colhemos dados que nos permitiram delinear um perfil cultural dos alunos, a partir de alguns indicativos, mas a abertura para olhar, escutar e buscar compreender o outro deve ser um exercício cotidiano, considerando a singularidade de cada um e o que traz para cada encontro: a história, as percepções, os conceitos e pré-conceitos, os valores, as experiências mais intensas que o outro desconhece, e também os sentidos e significados constituídos no percurso de vida e as tramas (e dramas) tecidos nesse trajeto.

Entendemos então o valor de cada encontro, da percepção do outro e, em especial, a importância da partilha das concepções que cada um traz e que ampliam o olhar sobre si e sobre o outro em sua diferença, nos convidando a buscarmos vivências efetivas de aceitação e acolhimento (MATURANA, 2002, 2010), fundadas na prática do diálogo e da escuta (FREIRE, 1968, 2003), bem como a superação de situações banais que geram mal estar e gestos de agressividade e desrespeito.

Conclusões

As reflexões suscitadas a partir do desenvolvimento da atividade e da coleta de dados contribuíram efetivamente para promover em cada um de nós (bolsistas e professores) a percepção sobre a importância de buscarmos caminhos para compreendermos o que os adolescentes e jovens trazem quando chegam à escola: suas vivências mais cotidianas, seus gostos, suas preferências e atividades, e também o que sentem e o que valorizam nas relações.

Em nossas conversas, quando trabalhávamos os dados, ouvíamos sempre a expressão: "Olha só isso!!" (sobre as frases escritas) ou "Que interessante!" (sobre acesso da maioria à internet através do celular) ou "nós precisamos fazer algo!" (ao constatarmos a fragilidade no hábito de leitura) e ponderamos que eram manifestações suscitadas pela possibilidade de um olhar mais próximo, diferente e atento a um cada um que respondeu a enquête. Olhar para cada um – a partir das respostas – transformou o nosso olhar, possibilitou uma abertura a um universo distinto, reconhecendo suas características, riquezas e limites. Ao mesmo tempo, nesse processo reflexivo, várias perguntas foram surgindo: Que olhares predominam na escola? É o do acolhimento à diferença ou da homogeneização? Que olhares predominam em nossas vivências cotidianas? O que priorizamos no encontro com o outro? Em que medida deixamos que o olhar do outro amplie nossas percepções sobre a realidade? Nosso olhar contribui para transformar o olhar do outro? E tantas outras questões que nos intrigam e inquietam... e assim queremos que continuem nos motivando a buscar novas respostas.

O encontro com o outro, com o olhar que o outro nos apresenta, sempre pode ser um momento de ampliação de perspectivas, de reflexões e compreensão sobre a complexidade que somos e vivemos. Nesse movimento, um primeiro passo possivelmente seja o reconhecimento do caráter singular que nos constitui em nossa diferença, em nosso percurso de vida, em nossas ações e emoções... e o reconhecimento de que o outro traz também seu percurso próprio, singular, irrepetível... e assim cada encontro será tecido por transformações... olhares que se tecem, que transformam e se transformam.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



Agradecimentos

UNESP – Pró-reitoria de Extensão.
Escola Estadual Prof. Francisco Guedelha

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
_____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
MATURANA, Humberto e REZEPA, Sima Nisis. *Formação humana e Capacitação*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Palas Athena Ed., 8ª ed., 2010